

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 4
2009

PARA UM DICIONÁRIO DE TRADUTORES

É DADO DE FACTO o notável incremento que, nas últimas décadas, os Estudos de Tradução têm vindo a registar. A aceleração das comunicações, no plano internacional, e, em particular, o dinamismo das relações europeias, coloca na ordem do dia o domínio das línguas aplicadas. No cruzamento entre local e global, numa altura em que as operações comunicativas se encontram estritamente ligadas às práticas de mercado, a figura do operador cultural, que vive entre situações, culturas e formas de expressão artística diversificadas, tende a plasmar, com crescente intensidade, a do tradutor que vive entre línguas.

Por consequência, sobe à ribalta o papel do tradutor especializado. Acompanhando a necessidade desse tipo de formação específica, também as Universidades e as Academias portuguesas têm vindo a criar cursos na área dos Estudos de Tradução e, correlativamente, a desenvolver projectos de investigação susceptíveis de susterem e darem consistência à sua expansão.

Esta questão tem particular importância para um horizonte que, como o português, desde tempos ancestrais se encontra muito ligado, e até dependente, do que se faz e se diz no estrangeiro. Ao longo dos séculos, a circulação de ideias processou-se por entre as malhas de um polissistema cultural cujo centro se encontra ligado e é veiculado através de outras

línguas, quer se tratasse de literatura, pensamento filosófico, crítica de arte, discurso científico, jornalismo, e assim por diante. Mas o contacto com essas realidades continua a ser mediado, ontem como hoje, através da tradução.

Foi neste quadro que surgiu o projecto de organizar um dicionário de tradutores de literatura para português, enquanto iniciativa conjunta ligada a três Universidades, sendo superiormente coordenado pelo Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa (Prof. Doutor João Almeida Flor), pelo Centro de Estudos Anglo-Portugueses da Universidade Nova de Lisboa (Prof.^a Doutora Maria Leonor Machado de Sousa) e pelo Centro de Línguas, Culturas e Literaturas da Universidade Católica Portuguesa (Prof.^a Doutora Teresa Seruya), e contando com colaboradores para a direcção de cada uma das áreas linguísticas implicadas.

Pretendia este projecto corresponder, de forma orgânica, sistemática e gradual, à necessidade de levantamento, recolha e compilação de dados que se erigem em condição essencial para a afirmação dos fundamentos epistemológicos de uma área disciplinar em franco desenvolvimento. O conceito de literatura era entendido em sentido amplo, de modo a incluir tanto a literatura canonizada, como outras modalidades que reentram no campo da chamada paraliteratura, quer se trate de lírica, narrativa ou drama, em transmissão impressa. As línguas a privilegiar, numa primeira fase, seriam o alemão, o espanhol, o francês, o inglês e o italiano. A obra, repartida por vários volumes, destinava-se a professores, investigadores e estudantes de humanidades, bem como a estudiosos da cultura e da literatura, portuguesas ou estrangeiras, e também a comparatistas.

O projecto não obteve apoio, mas a publicação de algumas das fichas, elaboradas para a área do italiano, poderá facultar uma amostragem da sua abrangência, bem como das questões operativas e metodológicas que compete ao investigador programar e enfrentar. A variedade de línguas com que um

mesmo tradutor trabalha, o recurso a idiomas de mediação, a escassez de dados biográficos, quando não a pura impossibilidade de identificação do tradutor, a dispersão editorial da obra, a diversidade de concepções e práticas de translação e o modo como se ligam a outras formas de escrita, nos seus contornos epocais ou idiossincráticos, são alguns dos mais prementes interrogativos que resultam deste conjunto de pesquisas preliminares. Fica no horizonte, um campo que, na sua implantação transversal, perspectiva uma rica área de investigação, no âmbito dos Estudos Luso-Italianos.

RITA MARNOTO

AMADO, Fernando (Fernando Alberto da Silva Amado),
Lisboa, 15/6/1899-23/12/1968

Professor e dramaturgo, licenciou-se em Ciências Históricas e Geográficas pela Universidade de Lisboa. Acompanhou o movimento de *Orpheu*, relacionando-se particularmente com Almada Negreiros. Data dessa altura a primeira das muitas peças de teatro que compôs ao longo da sua vida. Na década de vinte, viajou bastante pela Europa, tendo estanciado em países de língua francesa. Assistiu aos Jogos Olímpicos de 1924, realizados em Paris, e elaborou um método para classificar racionalmente as marcas atléticas, que foi posteriormente adoptado por várias federações nacionais. Em 1946, fundou a companhia teatral Casa da Comédia, para a qual traduziu vários textos de teatro, encenados em espectáculos por ele mesmo dirigidos, de entre os quais *L'annonce faite à Marie* de Claudel e *Le pauvre mathelot* de Cocteau, apresentados no Teatro do Ginásio e no Teatro do Salitre de Gino Saviotti. Entre 1954 e 1967, deu aulas de Estética Teatral no Conservatório. Foi director do Teatro Universitário de Lisboa (1955-1958). Dirigiu espectáculos no Centro Nacional de Cultura. A sua actividade de tradutor de ficção narrativa incide sobre as obras de Giovanni Papini e estende-se entre os anos de 1951 e de 1961.

TRADUÇÕES:

Papini, Giovanni, *Vida de Miguel-Ângelo na vida do seu tempo*, Lisboa, Livros do Brasil, 1951 [*Vita di Michelangelo nella vita del suo tempo*, Milano, Garzanti, 1949].

Papini, Giovanni, *O diabo. Apontamentos para uma futura diabolologia*, Lisboa, Livros do Brasil, 195? [*Il diavolo, appunti per una futura diabolologia*, Firenze, Vallecchi, 1953].

Papini, Giovanni, *Um homem liquidado*, Lisboa, Livros do Brasil, 1961 [*Un uomo finito*, Firenze, Vallecchi, 1912].

BIBLIOGRAFIA PASSIVA:

Amado, Teresa, Vítor Silva Torres, Augusto Sobral, apud Fernando Amado, *Peças de Teatro*, Lisboa, INCM, 1999, pp. 7-9.

Cruz, Duarte Ivo, “Fernando Amado, homem de teatro”, in *Gil Vicente*, 2.s., 23, 1-2, 1972, pp. 37-47.

Cruz, Duarte Ivo, *O Simbolismo no teatro português (1890-1990)*, Lisboa, ICALP, 1991, pp.172-180.

Cruz, Duarte Ivo, s.v. “Fernando Amado” in *Biblos, Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, Lisboa, Verbo, 1995, vol. 1, cc. 195-196.

Cruz, Duarte Ivo, *História do teatro português*, Lisboa, Verbo, 2001, pp. 224-227.

Enciclopédia Verbo luso-brasileira de cultura. Ed. Século XXI, Lisboa, Verbo, 1998, vol. 1, s.v.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Lisboa, Rio de Janeiro, Ed. Enciclopédia Lim., vol. 38 (*Apêndice*), 1958, s.v.; vol. 1, 1981, *Atualização*.

Lisboa, Eugénio (coord.), *Dicionário cronológico de autores portugueses*, Mem Martins, Europa-América, s.v.

Tavares, Vítor Silva, apud Fernando Amado, *À boca de cena*, Lisboa, & etc, 1999.

ALBERTO SISMONDINI

BRAGA, Manuel Marques Ferreira, Braga, 8/05/1877-
-Parede, 29/06/1964

Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, exerce a docência no Liceu de Évora (1902), no Liceu Central de Lisboa, bem como no Liceu Pedro Nunes, onde permanecerá até ao início dos anos 30. Entre 1931 e 1940, integra o corpo docente do Liceu Passos Manuel.

O interesse pelas questões pedagógicas será uma constante ao longo do seu percurso. Daí que tome parte na discussão da reforma do ensino liceal e escreva artigos quer para o *Boletim da Direcção Geral da Instrução Pública* e para o *Boletim da Associação do Magistério Secundário Oficial*, quer para a *Revista de Educação*.

Para além do *Ensaio sobre a psicologia do povo português*, publica ainda *A obra de Teófilo Braga e as tradições portuguesas*. Instigado pela importância de ler os autores consagrados a partir dos textos originais, dedica-se à edição crítica das obras de Bernardim Ribeiro, de Gil Vicente, de Camões e de Diogo Bernardes, editando ainda os *Poemas lusitanos* de António Ferreira e a *Crónica do Imperador Clarimundo* de João de Barros. Note-se que todas estas edições serão bem acolhidas no espaço peninsular e no Brasil. Da sua actividade enquanto historiador literário, destaca-se a colaboração na *História da literatura portuguesa ilustrada* de Albino Forjaz de Sampaio.

Depois de ter feito a adaptação em prosa de *A divina comédia* para as Edições Sá da Costa, em 1955 começa a traduzir do italiano esta obra, em três volumes, tarefa que o ocupará até 1958. Apesar de ser esta a única experiência como tradutor, a sua edição da obra de Dante conhecerá várias reedições até aos anos 90.

TRADUÇÕES:

A divina comédia, adaptação em prosa de Marques Braga, ilustrações de Alberto Sousa, Lisboa, Sá da Costa, 1943, 1958, 1968, 1985, 1996.

A divina comédia, trad., anotações e prefácio de Marques Braga, Lisboa, Sá da Costa, 1955-1958, 1988, 3 vols.

A divina comédia, Lisboa, Edição Amigos do Livro, 1977, 2 vols.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA:

Lisboa, Eugénio (coord.), *Dicionário cronológico de autores portugueses*, Mem Martins, Europa-América, s.v.

Manuppella, Giacinto, *Dantesca luso-brasileira. Subsídios para uma bibliografia da obra e do pensamento de Dante Alighieri*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1966, p. 24.

Nóvoa, António (dir.), *Dicionário de educadores portugueses*, Porto, Asa, 2003, s.v.

Rossi, Giuseppe Carlo, *A literatura italiana e as literaturas de língua portuguesa*, trad. de Giuseppe Mea, Porto, Telos, 1973, p. 192.

MARISA DAS NEVES HENRIQUES

COELHO, José Ramos, Lisboa, 7/2/1832-13/9/1914

Tradutor de obras poéticas provenientes de diferentes línguas e literaturas, como o italiano, o francês, o inglês e o latim, distinguiu-se no contexto cultural do seu tempo igualmente como poeta, crítico literário e historiador. Ao longo da sua vida, desempenhou funções na Biblioteca Nacional, chegando a exercer o cargo de conservador. Em 1867, passa para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, onde permanece até 1897, com idênticas funções. A par da restante obra que publica, a tradução ocupa um espaço importante na sua produção, mas a sua consagração deve-se à *Jerusalém libertada*, de Torquato Tasso (1864), em oitava rima, vertida directamente do original italiano, que teve sucessivas edições (1905, 1906, 1910), tendo sido ainda recentemente reeditada no Brasil, em 1998.

A sua actividade, enquanto tradutor, circunscreve-se no âmbito da sua criação poética, e o início provável dessa actividade pode ser datado com a publicação de “A despedida. Fragmento de uma tradução do *Childe Harold*”, de Lord Byron, na *Revista Peninsular* (1, 1855). Algumas das traduções resultam, assim, da sua colaboração em publicações da época, sendo posteriormente incluídas nos livros de poemas de sua autoria. Nesses volumes, não raramente, inclui em

apêndice algumas notas, por vezes extensas, onde tece considerações sobre o tipo de tradução em causa – mais fiéis ou mais livres e *libérrimas*, de acordo com uma teoria muito pessoal da arte de traduzir –, ou refere as circunstâncias relacionadas com a versão em causa e os locais de anteriores publicações, sendo o caso. Consequentemente, a sua actividade de tradutor vai prolongar-se até ao fim da vida, a par de uma intensa actividade intelectual.

Como refere Mendes dos Remédios, “soube traduzir no mais puro vernáculo algumas gemas de poetas estrangeiros”. Do latim, traslada “Canto Secular”, de Horácio, em versão pelo poeta considerada *libérrima*, e as “Tristezas”, de Ovídio, além de um fragmento da Elegia 1.3. Do espanhol, apenas traduziu o poema “À Pátria”, de Espronceda, e do catalão, “O seu Olhar”, de Rubió y Ors. Entretanto, da língua francesa, traduziu “Lidé”, de André Chénier; o “Primeiro Suspiro”, de Victor Hugo; “Vem tomal-a”, de Sarran d’Allard; “A glória. A um poeta desterrado” e “A Soledade”, de Lamartine; “O cahir das Folhas” e “O Poeta Moribundo”, de Millevoye; e “O Avarento”, em versão livre, de La Fontaine. Da língua inglesa, contam-se, além de “A despedida de Childe Harold” e dos “Fragmentos do 1º Canto de Childe Harold relativos a Cintra”, de Lord Byron, o “Hymno do Transvaal”, de Du Toit.

Sem dúvida, a língua que mais captou as suas simpatias foi o italiano. Dessa literatura, verteu “Do Canto 1.º do Inferno” e “Francesca da Rimini. Fragmento do Canto V do Inferno”, de Dante Alighieri; “A Camões” / “A Vasco da Gama” e “Olindo e Sofrónia”, de Torquato Tasso, bem como a *Jerusalém libertada*, considerada a obra de maior fôlego e exigência, em termos de rigor formal e estético; “À Estátua da Noite”, de Giovanni Battista Strozzi e Miguel Ângelo; e o “Cinco de Maio”, de Alessandro Manzoni.

Compõe ainda “A Santarém”, pretensa tradução de um original árabe de Ibn-Abdum, poeta árabe natural de Évora,

mas, para a qual, o autor declara ter-se servido de um versão portuguesa anterior que vira manuscrita. Em simultâneo, como referimos, publicou 5 volumes de poesia – *Prelúdios poéticos* (1857), *Novas poesias* (1866), *Lampejos* (1896), *Cambiantes* (1897) e *Reflexos* (1898) – onde recolhe os originais e as traduções atrás enumeradas, depois de os ter publicado, em grande parte, em folhetos ou periódicos da época. Essa produção, de tom ultra-romântico, mereceu o aplauso do público, a ponto de numerosas composições terem sido traduzidas para diferentes idiomas europeus, levando o autor, não só a inserir essas versões nos volumes indicados, como a publicar outro intitulado *Poesias vertidas em italiano, hespanhol, sueco, allemão e francez* (1907). A alguns pequenos folhetos de poesia (*O Bussaco*, 1886; *Veneza*, 1889; *À Ilha da Madeira*, 1898; *À Polónia*, 1898; *Aos meus traductores*, 1904), juntam-se outros mais, com poemas de ocasião, compostos em momentos festivos, como *À nação portugueza, tributo de saudade pela morte do príncipe de seus poetas* (1854), *Homenagem a Camões* (1890) e *A Christovam Colombo* (1893).

Na qualidade de editor de obras de autores consagrados, a ele se deve uma edição crítica de *O Hissope*, de António Dinis da Cruz e Silva, de 1879, com um extenso prefácio informativo, assim como a preparação da edição dos *Cinco livros da década XII*, de Diogo do Couto. Entre os estudos de crítica literária, contam-se *Camões e Macedo. Análise do “Discurso preliminar”*, com que este prefaciou o seu poema “O Oriente” (1919) e *A mãe de Camões, a propósito da opinião do sr. Wilhelm Storck* (1892).

Ramos Coelho merece ainda uma breve referência no campo da historiografia, pelo modo como elaborou estudos de diferente natureza, destacando-se sobremaneira a *História do Infante D. Duarte, irmão de El-Rei D. João IV* (em 3 vols., 1889, 1890, 1920), baseando-se na abundante documentação de que dispunha enquanto conservador da Biblioteca Nacional e da Torre do Tombo, assim como em arquivos nacionais e estrangeiros. Nessa obra, atinge mesmo três dos

objectivos que nortearam a sua investigação: além de elaborar a história da Restauração, reconstitui a intensa actividade diplomática desse período e compõe uma obra que justifica a consolidação da independência, na sequência da intensa produção política da época, e tudo isso, à volta da biografia do desventurado príncipe da Casa de Bragança. Ainda neste âmbito, há a referir *Alguns apontamentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo acerca das navegações e conquistas portuguesas* (1892) e *Visitas de D. João V à Inquisição de Évora* (1902). Afins são os estudos de carácter biográfico, como os que dedica a António José da Silva, publicado na *Ilustração Luso-Brasileira* (1856); a *Thomaz Blanc* (1893), a *Manuel Fernandes Villa Real e o seu processo da Inquisição de Lisboa* (1894), *Àcerca do primeiro Marquês de Niza* (1897) e a *O primeiro Marquês de Niza* (1903). Intensa foi igualmente a sua colaboração em publicações de outros autores e periódicos do seu tempo, como a *Revista Universal Lisbonense*, o *Arquivo Pitoresco*, ou jornais, como *A Opinião*.

TRADUÇÕES:

Alighieri, Dante, “Francesca da Rimini. Fragmento do Canto V do Inferno”, José Ramos Coelho, *Vespertinas*; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1910, pp. 382-384.

Alighieri, Dante, “Inferno”, José Ramos Coelho, *Reflexos*, Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1898, pp. 141-143; “Do Canto 1.º do Inferno”, José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 329-330.

Chénier, André, “Lidé”, José Ramos Coelho, *Novas poesias*; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 121-122.

D’Allard, Sarran, “Vem tomar-a”, José Ramos Coelho, *Reflexos*, pp. 177-178; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, p. 344.

Du Toit, Stephanus Jacobus, “Hymno do Transvaal”, José Ramos Coelho, *Cambiantes. Poesias*, Lisboa, Typographia

Castro Irmão, 1897, pp. 79-81; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, p. 246.

Espronceda, “À Patria”, José Ramos Coelho, *Prelúdios poéticos*, Lisboa, Typ. do Progresso, 1857, pp. 253-256.

Horácio, “Canto Secular (Versão libérrima)”, in *O Instituto*, 2. s., 35, Julho de 1887-Junho de 1888, pp. 488-491; José Ramos Coelho, *Reflexos*, pp. 83-88; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 312-314.

Hugo, Victor, “Primeiro Suspiro”, José Ramos Coelho, *Prelúdios poéticos*, pp. 213-215; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 66-67.

Ibn-Abdum, “A Santarém”, José Ramos Coelho, *Vespertinas*; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, p. 410.

La Fontaine, “O Aparento... (Versão livre)”, José Ramos Coelho, *Cambiantes. Poesias*, pp. 127-133; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 258-259.

Lamartine, “A glória. A um poeta desterrado”, José Ramos Coelho, *Novas poesias*, Porto, Cruz Coutinho Editor, 1866, pp. 61-63; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 115-116.

Lamartine, “A Soledade”, José Ramos Coelho, *Prelúdios poéticos*, pp. 53-55; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 19-21.

Lord Byron, “A despedida. Fragmento de uma tradução do *Childe Harold*”, in *Revista Peninsular*, 1, 1855, pp. 474-475; “A despedida de Childe Harold”, José Ramos Coelho, *Prelúdios poéticos*, pp. 157-160; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 46-48.

Lord Byron, “Fragmentos do 1º Canto de Childe Harold relativos a Cintra”, José Ramos Coelho, *Novas poesias*, pp. 126-143; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 148-157.

Manzoni, Alessandro, “Ode a Napoleão”, in *Archivo Pitoresco*, 6, 1863, pp. 310-311; “À Morte de Napoleão”, Salvador Costanzo, *Musica terrenal*, Madrid, 1868; C. A. Meschia, *Ventisette traduzioni in varie lingue del Cinque Maggio di Alessandro Manzoni*, Foligno, 1883; in *Occidente*, 8, 1885,

p. 271; *Ode heroica de Alexandre Manzoni e três versões em portuguez*, Rio de Janeiro, 1885; *Cinco de Maio (uma folha)*, Lisboa, Typographia Elzeviriana, 1885; “Cinco de Maio”, in *O Instituto*, 2. s., 34, Julho de 1886-Junho de 1887, pp. 145-150, e 39, Julho de 1891-Junho de 1892, pp. 654-655; José Ramos Coelho, *Novas poesias*, pp. 110-117; José Ramos Coelho, *Lampejos*, Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1896, pp. 93-98; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 142-143.

Millevoye, “O cahir das Folhas”, José Ramos Coelho, *Novas poesias*, pp. 15-17; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, p. 96.

Millevoye, “O Poeta Moribundo”, José Ramos Coelho, *Prelúdios poéticos*, pp. 267-269; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 78-79.

Ovídio, “Tristezas”, José Ramos Coelho, *Cambiantes. Poesias*, 1897, pp. 25-31; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 238-239.

Rubió y Ors, “O seu Olhar”, José Ramos Coelho, *Reflexos*, pp. 97-99; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 316-317.

Strozzi, Giovanni Battista e Miguel Ângelo, “À Estátua da Noite”, José Ramos Coelho, *Lampejos*, pp. 35-36; José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 179-180.

Tasso, Torquato, “A Camões”, José Ramos Coelho, *Novas poesias*, p. 33; “A D. Vasco da Gama”, José Ramos Coelho, *Cambiantes. Poesias*, pp. 145-148; “A Vasco da Gama”, José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, p. 140.

Tasso, Torquato, *Jerusalem libertada*, vertido em oitava rima, do original italiano, Lisboa, Typ. Universal, 1864; Lisboa, Livraria de Viúva Tavares Cardoso, 1905, 1906; ed. revista e melhorada, José Ramos Coelho, *Obras poéticas*, pp. 443-765; *Jerusalem libertada*, organização, introdução e notas de Marco Lucchesi, fixação do texto e ensaios de Alexei Bueno e Pedro Lyra, Rio de Janeiro, Topbooks, 1998.

Tasso, Torquato, “Olindo e Sofrónia”, in *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, 2, Abril de 1870, pp. 317-320; 3, Abril 1861, pp. 107-109 e 151-155.

Tasso, Torquato, “Retrato de Armida. Fragmento de uma tradução inédita da *Jerusalem libertada*”, in *O Futuro*, 11-12, 1859.

LÍRICA:

Prelúdios poéticos, Lisboa, Typ. do Progresso, 1857; *Novas poesias*, Porto, Cruz Coutinho Editor, 1866; *Lampejos*, Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1896; *Cambiantes. Poesias*, Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1897; *Reflexos*, Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1898; *Poesias vertidas em italiano, hespanhol, sueco, allemão e francez*, Lisboa, Typographia de Francisco Luiz Gonçalves, 1907; *Obras poéticas*, Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1910; *O Bussaco*, Coimbra, Typ. da Universidade, 1886; *Veneza*, Lisboa, Adolpho Modesto & C.^a, 1889; *À Ilha da Madeira*, Lisboa, Typ. de A. E. Barata, 1898; *À Polónia*, Lisboa, Typ. de A. E. Barata, 1898; *Aos meus traductores*, Lisboa, Empresa do Occidente, 1904; *À nação portugueza, tributo de saudade pela morte do príncipe de seus poetas*, Lisboa, Typ. do Progresso, 1854; *Homenagem a Camões*, Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1890; *A Christovam Colombo*, Lisboa, Adolpho Modesto & C.^a, 1893.

CRÍTICA LITERÁRIA:

Camões e Macedo. Análise do “Discurso Preliminar”, com que este prefaciou o seu poema “O Oriente”, Lisboa, Academia das Ciências de Portugal, 1911; *A mãe de Camões, a propósito da opinião do sr. Wilhelm Storck*, Lisboa, Adolpho Modesto & C.^a, 1892; António Dinis da Cruz e Silva, *O Hissope*, Lisboa, Edição da Empresa do Archivo Pittoresco, Typ. Castro e Irmão, 1879.

HISTORIOGRAFIA:

História do Infante D. Duarte, irmão de El-Rei D. João IV, Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1889, 1890,

1920, 3 vols.; *Alguns apontamentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo acerca das navegações e conquistas portuguesas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892; *Visitas de D. João V à Inquisição de Évora*, Lisboa, 1902; *Thomaz Blanc*, Lisboa, Adolpho Modesto & C.^a, 1893; *Manuel Fernandes Villa Real e o seu processo da Inquisição de Lisboa*, Lisboa, Adolpho Modesto & C.^a, 1894; *Ácerca do primeiro Marquês de Niza*, Lisboa, Typ. de A. E. Barata, 1897; *O primeiro Marquês de Niza*, Lisboa, Typ. Calçada do Cabra, 1903.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA:

Coelho, Jacinto do Prado (dir.), *Dicionário de literatura: portuguesa, brasileira, galega e estilística literária*, Porto, Figueirinhas, ⁴1990, vol. 5, passim.

Figueiredo, Albano, s.v. “Coelho, José Ramos”, in *Biblos. Dicionário Verbo das literaturas de expressão portuguesa*, Lisboa, Verbo, vol. 1, 1995, cc. 1191-1192.

Pereira, Esteves / Guilherme Rodrigues, *Portugal. Dicionário histórico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismatico, e artistico*, Lisboa, João Romano Torres & C.^a - Editores, 1912, s.v.

Remédios, Mendes dos, *História da literatura portuguesa. Desde as origens até à actualidade*, Coimbra, Atlântida, ⁶1930, p. 513.

Rodrigues, A. A. Gonçalves, *A tradução em Portugal*, vol. 3, 1851/1870; vol. 4, 1871/1900; vol. 5, 1901/1930, Lisboa, ISLA, Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada, 1993, 1994, 1999, passim.

Serrão, Joaquim Veríssimo, *História breve da bibliografia portuguesa*, Lisboa, Verbo, 1962, p. 266.

Silva, Inocêncio Francisco da / Brito Aranha et al., *Dicionário bibliográfico português*, s.v., vols. 5, 7, 13, 18.

GUIMARÃES, Matos, 18??

Foi o primeiro tradutor de *I promessi sposi*, de Alessandro Manzoni, em língua portuguesa. Parcos são os dados referentes à sua pessoa e biografia que chegaram à actualidade. De resto, também não se conhece qualquer outra obra de sua responsabilidade. No entanto, as circunstâncias da publicação do romance, bem como a dedicatória nele inserida, dirigida a D. Teresa Rosa de Lima e Silva, cujos círculos deve ter frequentado, em testemunho da amizade que lhe dedicava, poderão ser indícios que permitem concluir que a sua vida deve ter decorrido na cidade do Porto, em meados do século XIX, sendo até provável que fosse natural daquela região.

Para realizar esta tradução, procedeu de forma mediatisada, uma vez que não recorreu a qualquer edição do romance em língua italiana, servindo-se antes de uma versão em língua francesa, que o tradutor explicita ter usado: a 23.^a edição que o livro teve em França, que, pelo número de edições apontado, se tornaria uma garantia do sucesso da empresa a executar. Seja de registar o delicado processo de montagem que o tradutor levou a cabo na organização dos capítulos, uma vez que, apesar de a primeira redacção italiana do romance (*Fermo e Lucia*, 1823) os subdividir em

quatro livros (divisão esta que desaparece com a segunda versão do original, de 1827), surgem agora reorganizados por Matos Guimarães, resultando daí uma edição em cinco volumes, de extensão sensivelmente igual. Foram inseridos na Coleção da “Biblioteca Popular”, publicada por iniciativa do periódico *O Ecco Artístico*, em 1863 e 1864. Talvez a oportunidade e o interesse pela divulgação da obra se explique igualmente pelo contexto histórico, marcado pelo casamento do jovem monarca, D. Luís, com uma princesa de origem italiana, D. Maria Pia de Sabóia.

Também o título adoptado, longe de corresponder ao original (*Os noivos*), poderá ainda ter sido inspirado num modelo a que o próprio Manzoni, eventualmente, poderá ter recorrido: um romance de Walter Scott intitulado, em tradução portuguesa, *Os desposados: novela tirada da história das Cruzadas*.

Outro aspecto que marca a versão portuguesa do romance refere-se à profunda alteração ocorrida no desenlace, que Matos Guimarães refaz por motivos que tanto poderão ser de ordem editorial, para encurtar a obra, antecipando o final em relação ao original, como por razões estéticas, porque um final feliz não corresponderia tanto ao gosto de um romantismo exacerbado, dominante na época. Quando Renzo regressa a Milão e encontra a cidade empestada, dirige-se ao lazareto em busca de Lucia, reencontra D. Rodrigo, perdoa-lhe o mal passado e assiste aos seus últimos momentos, como no texto de partida. No entanto, em vez de se deparar com a noiva, embora fraca, em franca recuperação, como no texto italiano, surpreende-a moribunda, não lhe restando outra alternativa senão acompanhá-la nos derradeiros instantes de vida e tratar, depois, do velório. Quando, na manhã seguinte, ainda procura Frei Cristóvão, Renzo toma também conhecimento do seu súbito falecimento. A conclusão da versão portuguesa da obra ocorre, assim, sob o signo da morte, sobrevivendo apenas o protagonista às restantes

personagens. Pelo facto, constitui a primeira tradução portuguesa do romance de Manzoni um flagrante testemunho do gosto literário dominante na época, preocupando-se o tradutor em adaptá-lo às coordenadas estéticas da realidade social do país.

TRADUÇÕES:

[Alessandro] Manzoni, *Os desposados ou a peste e a fome no século XVII*, Porto, Typographia de A. J. Pereira Leite, 1863-1864, 5 vols.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA:

Rodrigues, A. A. Gonçalves, *A tradução em Portugal*, vol. 3, 1851/1870, Lisboa, ISLA, Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada, 1993, p. 318

MANUEL FERRO